

Editorial

Duas situações devem ficar assinaladas neste Editorial. Por um lado, o volume das *PÁGINAS*. É fácil constatar que a espessura aumentou significando isto, claro, que o sumário passará a ser mais variado, permitindo mais combinações temáticas, maiores alternativas à selecção dos artigos. No seu conjunto, um enriquecimento que só dignifica e beneficia a profissão. Não houvesse mais nada a assinalar e este melhoramento constituiria um marco. Ora acontece que também temos de registar o facto das *PÁGINAS* terem atingido velocidade de cruzeiro, isto é, a data de edição passa a estar de acordo com a data do calendário, ou seja, acabaram-se os atrasos. Isto é muito positivo para, antes de tudo o mais, os assinantes que não faltaram com o seu apoio e, portanto, a quem é sempre devida uma explicação; depois para o corpo editorial que finalmente conseguiu estabelecer a ordem e o crédito indispensáveis; e ainda para as entidades que nos têm apoiado, sobretudo para o IPLB que, apesar dos atrasos, foi testemunhando e apoiando o esforço de recuperação. Agora que o trabalho se vê, nem parece que tenha passado apenas um ano!

De novo, as *PÁGINAS* a abrir com um artigo de fundo da colega Cristina Carvalho. Fundamentado na sua própria tese de mestrado, um trabalho sobre a avaliação em arquivística, questionando critérios de selecção, o interesse da informação e o tempo de vida dessa mesma informação. Um tema muito actual a que os arquivistas não se podem eximir. Uma responsabilidade social hoje com verdadeira dimensão histórica. Uma problemática em aberto a exigir, talvez, reuniões de trabalho e muito debate. Um bom exemplo de trabalho prático exemplarmente fundamentado em teoria e metodologia específicas. Depois a contribuição ensaística de um autor consagrado. Não fora a mensagem e bastaria a menção curiosa à bibliografia portuguesa para fazer do artigo de Alberto Manguel uma leitura obri-

gatória. Um texto magnífico sobre o valor da leitura hoje, o lugar impermanente do texto electrónico, o valor inabalável do livro, os jogos das multinacionais, o livro e o registo das nossas criações intelectuais. Sem dúvida um texto difícil, mas claro na mensagem e fascinante. Do Brasil, um artigo sobre a criação e gestão de uma linguagem de indexação. Sempre oportuna a experiência de outros e respectiva aplicação, sobretudo esta relatada por Lucia Corrêa e Janete Thomes em idioma comum. As *PÁGINAS* não deixaram nunca de valorizar este elo e é cada vez mais importante que ele se aprofunde com base na prática. O exercício da língua é a nossa maioridade e com ela estreitaremos uma relação que muitos se afadigam em apregoar. A contribuição de David Levy continua aquela que iniciámos uns números atrás. A temática é aliciante e interessa não apenas a arquivistas. Lamentamos a reprodução tão assíncrona mas doutra forma as *PÁGINAS* seriam tomadas de assalto por autores norte-americanos. O debate através de uma recensão também de autoria brasileira, Sílvia Masson, sobre o manual dos nossos parceiros da Comissão Científica, revelando como ele se tem imposto no Brasil e, a fechar, um texto breve, todo ele emoção, da colega Helena Laranjeiro, de incentivo à leitura como o título antecipa. Que seja mesmo um incentivo para outros colegas, quais cronistas desconhecidos, a quem as *PÁGINAS* se abrem desde já.

Para terminar um brevíssimo apontamento sobre a situação das *PÁGINAS*. Com este número chegarão às cento e cinquenta bibliotecas da Rede de Leitura Pública; aumentou ligeiramente o número de assinaturas individuais ou institucionais, faltando ainda conseguir a adesão de muitas bibliotecas do ensino superior. Estatisticamente falando, diria que os indicadores são positivos. Não podia, pois, guardar para mim estas informações. As *PÁGINAS*, afinal, também são suas.

Voltaremos no Outono. Até lá, boas férias com muitas, muitas leituras.

MARIA LUÍSA CABRAL